

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2009

ARCADI VOLODOS

PIANO





cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio

cpflcultura

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

ARCADI VOLODOS

PIANO



PATROCÍNIO DA TEMPORADA 2009



ARCADI VOLODOS — PIANO

Arcadi Volodos tem sido caracterizado como “um musicista que alia virtuosismo espantoso a fenomenal maestria técnica”. Dono de “fraseado e sensibilidade sublimes”, já foi chamado um “mago dos timbres” e um “feiticeiro dos teclados”. E esses são apenas alguns dos elogios colhidos das páginas de jornais como o austríaco *Salzburger Nachrichten*, o alemão *Süddeutsche Zeitung*, o *Times* londrino e os norte-americanos *San Diego Tribune* e *New York Times*. Isso para não falar no *Los Angeles Times*, que, anos atrás, via o excepcional pianista a caminho de tornar-se “uma lenda do piano”.

Entusiasmo e espanto são, de fato, reações que o virtuosismo e a expressividade interpretativa de Volodos costumam despertar. Assim foi, por exemplo, em março deste ano, quando o artista executou peças de Scriabin, Ravel e Liszt para uma plateia de duas mil e quatrocentas pessoas no célebre palco da Filarmônica de Berlim. Descontada, porém, a reação emocional imediata, um fato permanece: no concorrido e exigente cenário erudito internacional da atualidade, tamanha aclamação crítica é conquista reservada a muito poucos.

No caso de Arcadi Volodos, essa trajetória de sucesso extraordinário teve início em São Petersburgo. Nascido em 1972, ele só se dedicaria efetivamente aos estudos musicais a partir de 1987, após ingressar no conservatório de sua cidade natal. Posteriormente, estudaria ainda no Conservatório de Moscou, sob a orientação de Galina Egizarowa, e, mais tarde, com mestres como os pianistas Jacques Rouvier, no Conservatório de Paris, e Dmitri Bashkirov, na Escola Superior de Música Rainha Sofia, de Madri.

De início, avesso às competições pianísticas internacionais, Volodos decidiu não seguir carreira como solista. Na realidade, sua ascensão meteórica

ao estrelato erudito internacional ganhou impulso por obra do acaso. Um alto executivo da indústria fonográfica viajava pela França em 1996, quando um amigo chamou-lhe a atenção para um talento até então desconhecido. Uma audição informal, em que o pianista russo executou um reduzido número de peças, foi quanto bastou para que lhe oferecessem de imediato um longo contrato de exclusividade. “Um talento como o de Volodos é coisa que só se encontra uma vez na vida”, justificaria mais tarde o executivo.

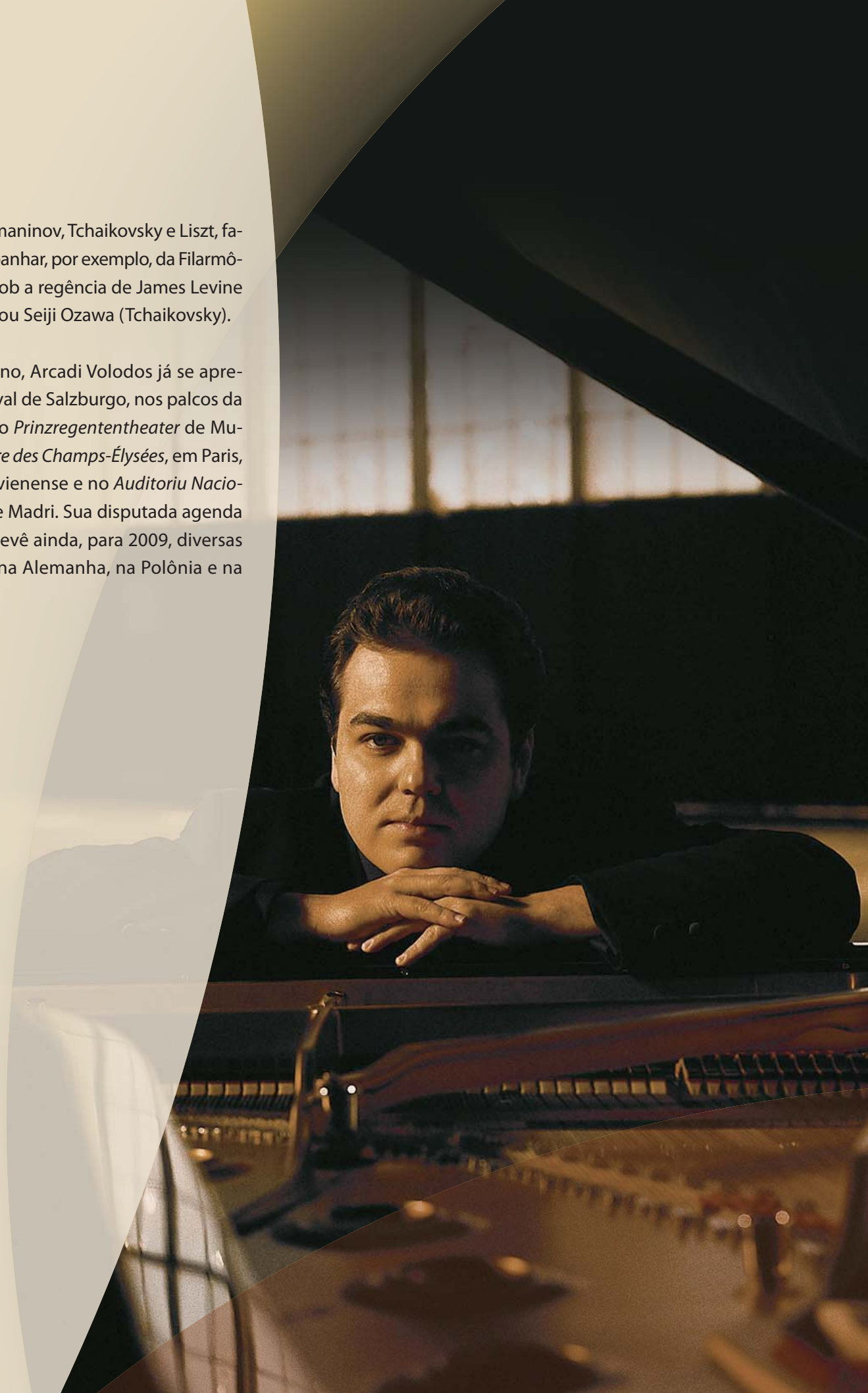
E, de fato, o álbum de estreia de Arcadi Volodos, acoplado às primeiras apresentações do artista, em 1997, causou enorme sensação, a ponto de a conceituada revista alemã *Der Spiegel* saudar o estreante como nada menos do que “um novo Horowitz”. Além de resenhas e comparações entusiasmadas, *Piano Transcriptions*, contendo algumas transcrições para piano do próprio Volodos, foi agraciado com diversos prêmios de renome, como o *Gramophone* e o Prêmio da Crítica Fonográfica Alemã.

Se, no âmbito discográfico, a acolhida foi arrebatadora, menor não foi a recepção de crítica e público aos recitais que logo conduziram o pianista às grandes salas de concerto ao redor do mundo. Desde então, Arcadi Volodos vem se apresentando à frente de orquestras do mais alto gabarito, tais como as filarmônicas de Berlim, Munique, Nova York, Chicago, Boston, Londres e Roterdã, a Orquestra Filarmônica de Israel e a Orquestra Sinfônica de San Francisco.

Também o *début* no *Carnegie Hall* nova-iorquino, em 1998, foi alvo de registro fonográfico lendário, premiado com, dentre outros, o *Gramophone*, o Prêmio da Crítica Fonográfica Alemã e o *Echo Klassik* de 1999. Em estúdio, Volodos já interpretou obras de

Schubert, Rachmaninov, Tchaikovsky e Liszt, fazendo-se acompanhar, por exemplo, da Filarmônica de Berlim sob a regência de James Levine (Rachmaninov) ou Seiji Ozawa (Tchaikovsky).

Somente este ano, Arcadi Volodos já se apresentou no Festival de Salzburgo, nos palcos da Filarmônica e do *Prinzregententheater* de Munique, no *Théâtre des Champs-Élysées*, em Paris, na *Musikverein* vienense e no *Auditoriu Nacional de Musica* de Madri. Sua disputada agenda de concertos prevê ainda, para 2009, diversas apresentações na Alemanha, na Polônia e na Grã-Bretanha.



1912: MÚSICOS.

1950: ATORES.

1970: BAILARINOS.

2008: BOMBEIROS.

*Ajude o Teatro Cultura Artística
a emocionar de novo.*

Há muitos anos, o Teatro Cultura Artística é referência internacional da música e das artes cênicas.

Mas o incêndio que destruiu suas instalações em 2008 pode fazer essa história acabar.

Participe do projeto que vai reconstruir e trazer de volta ao público brasileiro o Teatro Cultura Artística.

Faça sua doação: 0800 708 2009

Banco do Brasil – Ag. 3687-0 – c/c 286000-7
Assoc. “Sociedade de Cultura Artística” – CNPJ 60.756.178/0001-99

**SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA**

www.culturaartistica.com.br

MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA – 2009

A contribuição financeira dos **Amigos e Mantenedores** da Sociedade de Cultura Artística em 2009 será inteiramente destinada à promoção do projeto sociocultural

Ouvir para Crescer. Acreditamos firmemente na necessidade da educação e da formação de público para a música de qualidade, e esse é o objetivo do **Ouvir para Crescer.** Assim, o projeto leva espetáculos-aula, que entretêm ao mesmo tempo em que educam, a comunidades em que a oferta cultural é escassa.

A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 100% do valor que os **Amigos e Mantenedores** oferecem ao projeto **Ouvir para Crescer.**

Pessoas físicas podem deduzir até 6% de seu imposto de renda a pagar, e pessoas jurídicas, até 4%. Trata-se, pois, de um investimento seguro e a custo zero, mas com grande impacto não apenas sobre nossas atividades, como também sobre a cultura brasileira como um todo.

MANTENEDORES

Adolpho Leirner
Adriana Crespi
Adroaldo Moura da Silva
Afonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Júnior
Bruno Alois Nowak
BVDA/Brasil Verde Design
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Centauro Equipamentos de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo Altenfelder
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolyneć
EPU-Edit. Pedagógica e Universitária
Erwin Herbert Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. De Bens Ltda.
Etsuko Nishikawa (I.M.)
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe e Hilda Wroblewski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Flávia Prada Ferreira
Francisca de Paula Harley
Gérard Loeb
Giancarlo Gasperini
Gioconda Bordon
Giorgio Nicolí
Giovanni Guido Cerri
Helio Matar
Helio Seibel
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcantara Machado
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio De Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luís Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares
Luiz Gonzaga Alves Pereira

Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Marcio Augusto Ceva
Maria Helena L. Gandolfo
Maria Izabel Piza da Silva Gordo
Mario Arthur Adler
Medlab Produtos Médicos
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Natan e Irene Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Nery Jr.
Nelson Reis
Pedro Stern
Polimold Industrial S/A
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo L. Becker
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Rosa Maria de Andrade Nery
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sergio Almeida de Oliveira
Sílvia Dias de Alcantara Machado
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
4 Mantenedores Anônimos

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Annenberg
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Veronica Mautner
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Argetax Adm.e Part. em Empreendimentos
Bruno Musatti
Caçados Casa Eurico
Carlo Zufellato
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Mendes Pinheiro Jr.
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carlos Stegmann
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Claudio Nehton Mattos de Lemos
Cláudio Roberto Cernea
Conceição Aparecida de Matos Segre
Edith Ranzini
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobaran
Eduardo T. Hidal
Eduardo Telles Pereira
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elio Sacco
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Fernando Teixeira Mendes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Gerald Dinu Reiss
Guilherme A. Plonski
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroude
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Ignês A. F. Silva
Iosif Sancovsky
Isaac Popoutchi
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
Jorge e Léa Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Carlos Teixeira
José e Priscila Goldenberg

José Luiz Setubal
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Theophilo Ramos Junior
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer
Lilia Salomão
Lina Saigh Maluf
Lucio Gomes Machado
Luiz Henrique Martins Castro
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Margot Cecilia Nugent
Maria Aparecida A. Clemente
Maria Bonomi
Maria Claudia Ballesteros
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higino N. M. Leonel
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Mauricio Leonzini
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Morris Safdie
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Patrick Charles Morin Jr.
Paul Emmenegger
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Paulo Guilherme Leser
Paulo Humberto L. de Almeida
Percival Lafer
Plinio J. Marafon
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Mezan
Renato Polizzi
Ricardo B. Gonçalves
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Samuel Lafer
Sandra Maria Massi
Sergio Leal C. Guerreiro
Tales U. Bieszczad
Tamas Makray
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thomaz Farkas
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vera C. Bresser Pereira
Vera Cartunda Serra
Vitor Maiorino Netto
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (I.M.)
Zofia Davidowicz
17 Amigos Anônimos

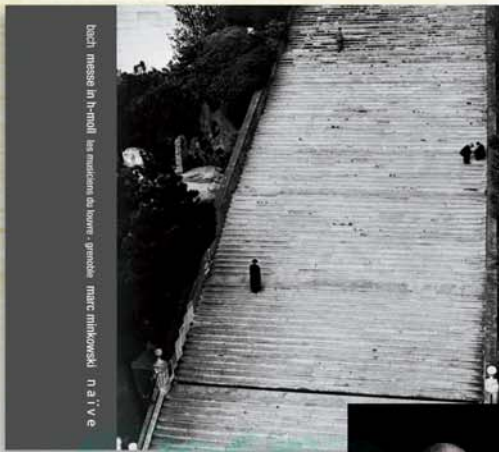
Para mais informações,
ligue para (11) 3256 0223
ou escreva para
administracao@culturaartistica.com.br

Música em caixas de luxo

O acesso à música clássica é hoje muito fácil e sem mistérios. Basicamente, os *sites* de busca atendem sem demora ao internauta interessado em ouvir ou em conhecer uma peça específica, assim como também o ajudam a encontrar com rapidez referências sobre a obra completa de determinado compositor, sua discografia, seus intérpretes famosos. Os grandes selos clássicos oferecem seu catálogo pela internet, onde o usuário pode se decidir pela compra de apenas algumas faixas de um álbum — opção inexistente nas lojas tradicionais.

No entanto, algumas gravadoras continuam lançando belíssimos produtos no mercado não virtual. Um exemplo do que os profissionais de marketing qualificariam como produto diferenciado é a recém-lançada *Missa em Si menor* de Bach com a orquestra *Les Musiciens du Louvre*, de Grenoble, sob a direção de Marc Minkowski, numa produção do selo francês Naïve. A gravação foi realizada em julho do ano passado na igreja de São Domingos de Bonaval, por ocasião do *Via Stellae*, o festival de música de Santiago de Compostela, na Espanha. A requintada embalagem compõe-se de um pequeno livro de capa dura, com tratamento editorial de luxo: papel com textura em relevo, uma foto de extremo bom gosto na capa e bons textos como recheio. Se, por um lado, é certo que hoje podemos carregar uma farta discoteca em um minúsculo suporte físico, por outro, ouvir e ter nas mãos um CD produzido com tal nível de cuidado e sofisticação é sem dúvida puro deleite.

Vale a pena conferir a leitura que Minkowski faz da *Missa em Si menor*, considerada uma das obras mais importantes de Bach. O maestro optou por uma formação vocal bem diferente daquela normalmente empregada para peças dessa envergadura. Em lugar de um grande coro, Minkowski escolheu trabalhar com um grupo de dez excelentes solistas, um grupo de câmara composto de notáveis. Integra esse conjunto, por exemplo, a contralto Nathalie Stutzmann, que aqui esteve há pouco, como uma das atrações da atual temporada da Sociedade de Cultura Artística. E vale a pena lembrar também que *Les Musiciens du Louvre* fizeram sua estreia em São Paulo em nossa temporada de 2006.



INFORMAÇÃO É DIFERENTE DE CONHECIMENTO.

A informação está em todo lugar. O conhecimento é difícil de achar. A informação passa. O conhecimento fica. *A informação vem até você. O conhecimento leva mais longe.*

SE HOJE EM DIA A INFORMAÇÃO É DE GRAÇA:

QUAL É O VALOR DO CONHECIMENTO?

Amplie | Questione | Atualize | seu conhecimento



O ESTADO DE S. PAULO



APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro, da nossa nova casa. A lista começará pequena, mas esperamos que a solidariedade e o espírito cívico dos membros de nossa comunidade a façam crescer muito rapidamente.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Aggrego Consultores	Ercília Lobo	Marion Meyer
Ana Maria Xavier	O Estado de S. Paulo	McKinsey
Antônio Fagundes	Fernando Francisco Garcia	Mônica Salmaso
Area Parking	Folha de S. Paulo	Nelson Breanza
Arnaldo Malheiros	Frederico Perret	Nelson Kon
Beatriz Segall	Fundação Padre Anchieta	Oi Futuro
Brasília de Arruda Botelho	Fundação Promon	Oscar Lafer
Camila Zanchetta	Gabriela Duarte	Paulo Bruna
Camilla Telles Ferreira Santos	Gilberto Kassab	Rádio Eldorado
Claudio Lottenberg	Gilberto Tinetti	Revista Brasileiros
Claudio Roberto Cernea	Hotel Ca'd'Oro	Roberto Baumgart
Cleômenes Mário Dias Baptista (I.M.)	Hotel Maksoud Plaza	Roberto Minczuk
Compacta Engenharia	Izilda França	Sidnei Epelman
Concerto	Jamil Maluf	Silvia Ferreira Santos Wolff
Condomínio São Luiz	José Carlos Dias	Silvio Feitosa
Credit Suisse	José Roberto Mendonça de Barros	Susanna Sancovsky
Credit Suisse Hedging-Griffo	Katalin Borger	Talent
Editora Abril	Lúcia Cauduro	Terra
Editora Globo	Marcelo Mansfield	TV Cultura
Editora Pinski	Marco Nanini	TV Globo
Editora Três	Maria Adelaide Amaral	Uol
Elaine Angel	Maria Helena Zockun	Zuza Homem de Mello

Para sua comodidade, instalamos no foyer da Sala São Paulo um ponto de recebimento de doações habilitado a emitir recibos para renúncia fiscal da Lei Rouanet.

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

20 de outubro, terça-feira, 21H

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

21 de outubro, quarta-feira, 21H

Aleksandr Scriabin (1872-1915)

Estudo em Fá sustenido maior, opus 42, nº 3	c. 1'
Prelúdio em Si bemol menor, opus 37, nº 1	c. 2'
Prelúdio em Si bemol menor, opus 11, nº 16	c. 2'
Danse languide, em Sol maior, opus 51, nº 4	c. 1'
Flammes sombres, opus 73, nº 2	c. 2'
Guirlandes, opus 73, nº 1	c. 3'
Sonata nº 7 (Missa Branca), opus 64	c. 11'

Maurice Ravel (1875-1937)

Valses nobles et sentimentales	c. 12'
Modéré	
Assez lent	
Modéré	
Assez animé	
Presque lent	
Vif	
Moins vif	
Épilogue: lent	

intervalo

Isaac Albéniz (1860-1909)

Córdoba (de Cantos de España, opus 232, nº 4)	c. 7'
La vega	c. 15'

Franz Liszt (1811-1886)

Après une lecture du Dante (fantasia quasi sonata)	c. 17'
--	--------

2009 SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE
MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA
CHORUS SINE NOMINE

Série Branca, 27 de outubro, terça-feira
Série Azul, 28 de outubro, quarta-feira

Schubert Missa em Sol maior
Haydn Stabat Mater

Informações e ingressos: (11) 3258 3344
Vendas online: www.culturaartistica.com.br

O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2009 encontra-se disponível
em nosso site uma semana antes dos
respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.



Aleksandr Scriabin (1872-1915)

Nascido e criado à sombra do ocaso romântico russo, Scriabin acabou por se tornar um experimentador, ocupando lugar de destaque na vanguarda da música de sua época, o início dos anos 1900. No final da vida, cada vez mais místico, envolveu-se com o esoterismo de madame Blavatsky, “maga” russa então bastante em voga. Visionário e socialista sonhador, Scriabin imaginou aliar sons, cores e perfumes em obras sinestésicas, e chegou a dar um significado transcendental a cada escala ou acorde que realizava. Julgava ser o profeta de uma nova era que estava por vir. Acabou por morrer alguns dias depois de levar uma picada de inseto, motivadora de infecção generalizada. Tinha 43 anos.

Na juventude, Scriabin embriagava-se com a música de Chopin e de Liszt e, à maneira desses mestres, fez do piano o instrumento fundamental do seu pensamento. Na maturidade, dividindo-se entre a orquestra e o teclado, chegou a uma inovadora concepção de harmonia, elaborando com ela uma série de paisagens sonoras rigorosamente inéditas. Nessa nova percepção do espaço harmônico, passou a construir obras à base de intervalos de quarta, e não mais nos de terça, como rezava a tradição desde o Barroco. Foi assim que Scriabin elaborou obras que davam a impressão de flutuar no ar, sem que algo as prendesse ao chão da realidade da música cotidiana.

Os acordes misteriosos, as melodias assimétricas, vaporosas e com frequência fragmentadas, assim como os ritmos submetidos a bruscas e imprevisíveis variações, passaram a fazer parte de sua paleta expressiva. Suas derradeiras composições transbordam de imagens sonoras de natureza a um só tempo vertiginosa e transfigurada. Ainda que tivesse mãos pequenas para um pianista, ele escreveu obras que demandam do intérprete, além de técnica muito apurada, uma sensibilidade capaz de fazer com que o ouvinte participe de um universo sonoro baseado na sutileza do tom, no aspecto reticente e elusivo do enunciado.

Na concisa antologia que idealizou para iniciar seu espetáculo, Arcadi Volodos incluiu meia dúzia de peças curtas que oferecem um interessante retrato desse compositor incomum. A cintilação de trilos que engendra uma melodia repleta de frêmito, de notável ambiguidade tonal, está no *Estudo em Fá susenido maior, opus 42, nº 3* (1902-03). O diálogo dramático estabelecido entre um tema sinuoso nos agudos e a sucessão soturna de acordes produzidos nas regiões graves desenrola-se de maneira inquietante no *Prelúdio em Si bemol menor, opus 37, nº 1* (1903). As lúgubres profundezas que engendram uma longa melodia, à maneira de uma procissão, a qual logo passa a ser martelada por alguma entidade desconhecida, talvez possa ser notada no juvenil *Prelúdio em Si bemol menor, opus 11, nº 16* (1895). Já o ritmo vacilante, que mal e mal consegue sustentar uma melopeia aérea, movendo-se em um espaço sonoro de harmonia muito livre, parece ser o assunto central da *Danse languide, em Sol maior, opus 51, nº 4* (1906-07). Um curto e febril motivo é carregado através de harmonizações variadas e de ritmos cambiantes, às vezes soando como um galope, em um percurso interrompido por uma breve Coda, onde o tema se evapora — essa

a impressão que causam as *Flammes sombres, opus 73, nº 2* (1914). E o brilho rutilante do rolar de múltiplos astros faz-se notar a cada instante no perpétuo movimento de *Guirlandes, opus 73, nº 1* (1914).

A sétima das dez sonatas que Scriabin nos deixou é uma complexa, labiríntica e enredante obra da maturidade. O autor falava dela como uma “missa branca”, cerimônia destinada a evocar uma visão da alegria, e confessava ser essa obra sua composição predileta. Com essa *Sonata nº 7*, o autor pretendia fazer ouvir o bimbalar de sinos, o ruído das “fontes de fogo” e até mesmo nuvens passando sobre uma paisagem onírica. Escrita em 1911-12, ela está repleta de elementos próprios do estilo do compositor àquela altura: trilos rápidos e distribuídos por todo o teclado, acordes “místicos”, feitos com intervalos de quarta (Dó-Fá) que não afirmam tonalidade alguma, arabescos que ora despencam das alturas, ora rugem a partir dos graves, escalas velozes e entrecortadas, e curtos temas ora percucientes, ora profundamente líricos.

Como todas as outras sonatas da maturidade, a *Sonata nº 7* foi concebida em um único movimento, de difícil decifração, pois as ideias musicais aí são concentradas de maneira perturbadora. Ela possui duas partes principais: uma Exposição, onde são mostrados nada mais, nada menos que sete motivos distintos, e um Desenvolvimento, onde essas ideias são retrabalhadas em profusão. O final do Desenvolvimento é o seu apogeu; ele também funciona como uma Reexposição, onde os temas aparecem em uma ordem nova, dando ao discurso um tom de imprevisibilidade ainda mais surpreendente. De todas as sonatas do mestre russo, essa é a que mais demanda domínio técnico da parte do intérprete.

Maurice Ravel (1875-1937)

Herdeiro de Liszt, o francês Maurice Ravel dizia conceber obras para piano de execução difícilíssima, a fim de não correr o risco de tê-las assassinadas por amadores. Mais tarde, costumava transportá-las para a orquestra, domínio no qual não tinha concorrentes no tocante ao brilho sonoro e à perfeição da combinação de timbres.

Mas é preciso admitir que, em suas versões originais para piano, as peças de sua autoria ressoam de ideias novas, de achados geniais e de encantadoras imagens sonoras, concebidas com muito sabor e amor pelo exótico. Na verdade, o compositor iluminou-as com relâmpagos rebrilhantes, repletos de eletricidade, embalando-as quase sempre com ritmos de velhas danças. Foi assim que nasceram o *Minueto antigo* e a *Habanera* (ambas de 1895), as valsas, marchas e a mazurca de *La parade* (1896), a *Pavana para uma infanta morta* (1899), o “mouvement de menuet” da *Sonatina* (1903-05), a “malagueña” de *Rhapsodie espagnole* (1907-08), além



PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é estar ao lado de uma entidade de grande importância na história da cultura brasileira — uma organização que há quase cem anos desfruta de ampla visibilidade pública e de grande respeito nos meios de comunicação do país.

Desde 1912, a Sociedade de Cultura Artística tem se destacado pela excelência de sua programação musical e artística, pelo profissionalismo de suas realizações, pelo carinho que lhe dispensa o público e pelo prestígio de que desfruta na imprensa dedicada às artes e à cultura.

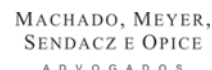
PATROCINADORES PLATINA



PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



das obras construídas fundamentalmente à base de danças, como o balé *Daphnis et Chloé* (1909-12) e as “cinco peças infantis” de *Ma mère l’Oye* (1908-10), logo transformadas em um coreográfico espetáculo intitulado *Adelaide, ou a linguagem das flores*.

Isso tudo precedeu a deliciosa série de *Valsas nobres e sentimentais*, que Ravel colocou no papel no início de 1911. Depois delas, ele ainda voltaria aos movimentos coreográficos várias vezes: na “passacaille” do *Trio* (1914), nas peças barrocas de *Le tombeau de Couperin* (1914-17), no foxtrote de *L’Enfant et les sortilèges* (1919-25), em *La valse* (1919-20), no blues da *Sonata para violino e piano* (1923-27) e no atordoante e famosíssimo *Boléro* (1928).

Com sua habitual ironia, Ravel colocou na página de rosto das *Valses nobles et sentimentales* uma citação do poeta Henri de Régnier que fala do “prazer delicioso e sempre novo de uma ocupação inútil”. É que o músico tinha consciência de que o gênero valsa, exportado à exaustão por Viena durante todo o século XIX, já era algo um bocado fanado em terras francesas. Assim, dedicar a seu eterno compasso de 3/4 todo um ciclo de peças pareceu-lhe exagerado, inútil, ainda que hipoteticamente encantador. E, de fato, essas valsas articuladas como as pedras de um colar são extraordinariamente saborosas, encantadoras mesmo.

O ciclo tem início de maneira quase selvagem, no rebater violento do seu ritmo de base, com acordes dissonantes baseados em Sol maior. Imediatamente depois, entretanto, os lindos fios melódicos de uma valsa lenta, que deve ser tocada “com uma expressão intensa”, tomam conta do espaço sonoro em arabescos que recebem harmonizações de enorme refinamento. Em terceira posição, uma peça em andamento moderado e em Mi menor estabelece um clima de suprema elegância. Vem então uma dança “bem animada”, repleta de arestas imprevistas e de momentos caprichosamente sinuosos. A quinta valsa — “quase lenta e com um sentimento íntimo”, como indica a partitura — retoma um motivo já ouvido e o mergulha nas mais sofisticadas harmonias. Depois do seu Mi maior, é um peremptório Dó maior que toma conta da próxima dança, onde há uma notável ambiguidade rítmica na sobreposição do compasso de 3/4 com o de 2/4. A apoteose da coleção acontece na sétima valsa, repleta de clarões cintilantes e de uma invenção melódica de beleza inesperada e muito cativante. O “Epílogo” é bastante lento e nele afloram, aqui e ali, como que esgarçadas, lembranças das valsas já ouvidas. “Para terminar”, comenta François-René Tranchefort, “tudo se desvanece em uma espécie de bruma matinal”.

Isaac Albéniz (1860-1909)

Durante o século XIX, foram muitos os compositores europeus, sobretudo franceses (o Bizet de *Carmen*, o Chabrier de *Espanña*) e russos (o Glinka da *jota* aragonesa, o Rimsky-Korsakov de *Capriccio*

espanhol), que se inspiraram em uma Espanha mais imaginária do que real, a fim de criar obras coloridas e extrovertidas. Para eles (e, nisso, tinham um bocado de razão), a Península Ibérica era a terra da claridade e do sol abrasador, das paixões de toda sorte e do exotismo de um povo mediterrâneo que havia convivido durante longo tempo com os invasores mouros do Oriente.

Mas os múltiplos e endiabrados ritmos, as melodias repletas de vertiginosos arabescos vocais dos *cantaöres* de procissões ou de serenatas e as harmonias ricas, incomuns e muito peculiares da Espanha, só encontrariam seu verdadeiro re-criador na figura de Isaac Albéniz. Ele é considerado, ainda hoje, uma das figuras máximas da arte musical de sua terra, por haver despertado ali o amor pela música autóctone e, também, por ter-nos legado um patrimônio musical de qualidade bastante alta.

Menino prodígio que estreou aos quatro anos e que espantou o mundo musical da época por sua precocidade, Albéniz foi criado dentro da tradição de virtuosismo de Liszt, que, aliás, ele viria a encontrar em 1880. A influência do mestre húngaro garantiu ao jovem espanhol um domínio técnico extraordinário sobre o teclado. Ele mesmo diria, mais tarde, que o que pretendia era criar obras repletas de “*españolismo* e de dificuldades técnicas levadas ao extremo”.

Abandonando a Espanha natal e indo se apresentar e estudar em vários países (chegou a passar pelo Brasil, dizem), Albéniz acabou por encontrar na França os companheiros de aventura de uma música que se desejava moderna e que, ali, era defendida, dentre outros, por Chausson, Dukas e Debussy. Na curta maturidade, Albéniz haveria de ser aquele que revelaria ao mundo, em partituras inaugurais, uma das mais autênticas faces da arte ora solar, ora noturna dessa região na qual aquilo que era extremamente sofisticado costumava ser vizinho daquilo que soava rusticamente popular.

Foi no domínio do piano que Albéniz melhor se realizou. Deixou-nos uma coleção de obras que é um autêntico monumento: a das inesquecíveis doze “impressões” enfeixadas nos quatro volumes da suíte *Iberia* (1905-08), que os grandes intérpretes não se cansam de esmerilhar ainda hoje. Fora desse projeto de importância indiscutível, há também muita música de qualidade que alcançou a perenidade merecida. Esse é o caso de *Córdoba*, pertencente à coleção *Cantos de España, opus 232*, datada de 1896. Em sua primeira parte, um rico desfile de acordes apoia uma melodia de caráter litúrgico e cerimonial, colorida por “modos” (escalas) que não pertencem à tradição ocidental. Há quem afirme que o artista estaria evocando aí a grande mesquita da cidade. O restante dessa peça — em que um ritmo contagiante dá suporte a um lindo e líquido tema — parece refletir o caráter colorido da região e de sua gente. Já *La vega*, de 1897, uma das obras mais longas compostas por Albéniz até aquele momento, procuraria retratar, segundo palavras do autor, “a planície inteira de Granada, vista da Alhambra” (a extraordinária edificação mourisca que vem encantando gerações de visitantes). Seu primeiro tema, de fisionomia andaluz, é carregado de melancolia. O segundo motivo importante dessa peça traz à tona uma movimentada *jota*, dança aragonesa originária do norte da Espanha.



Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

Franz Liszt (1811-1886)

Considerado o maior pianista de seu tempo — de todos os tempos, diriam seus admiradores mais arduos —, Liszt não apenas nos fez herdeiros de uma gigantesca produção destinada ao piano como também criou uma notável escola de interpretação, que teria grande influência em praticamente todo o posterior estudo do instrumento. Para aquilatar sua importância na criação de uma abordagem moderna da execução ao piano, talvez baste lembrar que, em maior ou menor grau, todos os artistas escolhidos por Arcadi Volodos para o recital desta noite devem algo a ele.

Com os *Doze estudos de execução transcendente*, finalmente publicados em 1851, depois de várias revisões, o compositor húngaro desejou mostrar que havia todo um mundo novo a ser explorado através do piano. É claro: desde que o executante o dominasse por completo, de maneira *transcendental*, superior. Sem exagero, é possível dizer que, nas mãos de Liszt, o piano se transformou em um instrumento novo. O emprego de seus extremos graves e agudos, as gradações de dinâmica ampliadas, as oitavas em ambas as mãos executadas em alta velocidade, os complexos arabescos distribuídos pelas duas mãos do executante, o emprego dos pedais, os trilos, os *tremolos* e saltos intervalares antes nunca experimentados são algumas das muitas inovações que o compositor-pianista trouxe para o instrumento.


Várias dessas inovações se encontram em *Depois de uma leitura de Dante*, conhecida também como “Sonata Dante”. Essa obra pertence ao segundo volume — intitulado “Itália” — do enorme ciclo de mais de vinte peças para piano solo batizado de *Années de pèlerinage* (anos de peregrinação). Sua fonte de inspiração foi o “Inferno” de *A divina comédia*, que o compositor lia com sua amante Marie d’Agoult na década de 1830. A peça foi escrita em 1839 e logo apresentada em Viena. Mas o autor a submeteu a uma revisão no ano seguinte e só a deu por terminada em 1849. Seu subtítulo aponta para o caráter fantasista da peça, que deseja reproduzir certos efeitos da livre improvisação, sem entretanto deixar de fazer menção à respeitada forma-sonata, forma de pensamento musical vigente desde o Classicismo.

Concebida em um único movimento, a “Sonata Dante” conta com três temas principais e mais ideias secundárias a eles agregadas. Nada mais, nada menos que dezesseis indicações de andamento são distribuídas por essa partitura que percorre uma ampla gama de sentimentos, indo da proclamação desesperada e ensurdecedora à confissão íntima feita em *pianissimo*. E aos muitos momentos de sonoridade bombástica contrapõem-se algumas passagens de

expressão mais reservada, como se a alma do narrador-compositor se encontrasse pacificada por um momento.

A “Sonata Dante” tem início em andamento lento, com fortes acordes descendentes que funcionam como pórticos para os subterrâneos infernais. Logo depois, desenrola-se um turbulento *Presto agitato* que exhibe os dois outros motivos importantes da trama musical: uma figura ascendente, febrilmente martelada e cromática, e um amplo tema com o caráter de um velho coral religioso. Os numerosos episódios contrastantes — construídos à base de desconumais oitavas, de acordes suntuosos e soturnos, de silêncios criadores de nervosa expectativa e de constelações de notas rapidamente repetidas — conferem à partitura o seu aspecto de livre improvisação. Um pouco antes do final, de maneira um tanto surpreendente, Liszt evoca uma visão de um mundo seráfico, angelical, com o auxílio de bordaduras feitas no extremo agudo do teclado. Mas essa cena celestial logo se extingue, já que, de maneira dramática, os pesados acordes descendentes do início da obra voltam a ser evocados.

Comentários por J. Jota de Moraes



Alguns pensam
música clássica.

**Nós pensamos
comprometimento.**

Private Banking • Investment Banking • Asset Management

Observamos o mundo por uma perspectiva diferente — sempre em benefício de nossos clientes. Ter nossa experiência e especialização como alicerces para proporcionar excelência é um enfoque que compartilhamos com a Sociedade Cultura Artística. Ao desafiar os raciocínios convencionais, ajudamos nossos clientes a perceber novas oportunidades. Esta é a nossa ambição desde 1856.
www.credit-suisse.com

Pensando Novas Perspectivas.

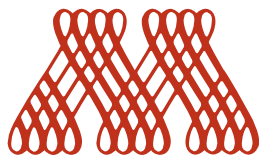
CREDIT SUISSE 



**MAKSOUND
PLAZA**
*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOUND PLAZA

SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas

Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

2009 SOCIEDADE 2010 DE CULTURA 2011 ARTÍSTICA

Sala São Paulo

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES
PHILIPPE HERREWEGHE REGÊNCIA

27 e 28 de abril

ORCHESTRE DE LA SUISSE ROMANDE
MAREK JANOWSKI REGÊNCIA
JEAN-YVES THIBAUDET PIANO

4 e 5 de maio

CONCERTO KÖLN
VIVICA GENAUX MEZZOSOPRANO

26 e 27 de maio

HILARY HAHN VIOLINO
VALENTINA LISITSA PIANO

16 e 17 de junho

EMERSON STRING QUARTET

3 e 4 de julho

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL
ZUBIN MEHTA REGÊNCIA

10 e 11 de agosto

CAMERATA SALZBURG

29 e 30 de agosto

NATHALIE STUTZMANN CONTRALTO
INGER SÖDERGREN PIANO

21 e 22 de setembro

ARCADI VOLODOS PIANO

20 e 21 de outubro

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE
MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA
CHORUS SINE NOMINE

27 e 28 de outubro

Datas e programação sujeitas a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretor Presidente

José E. Mindlin

Vice-Presidente

Cláudio Sonder

Diretor Tesoureiro

Antonio Hermann D. M. de Azevedo

Diretor Secretário

Pedro Herz

Diretora Artística

Gioconda Bordon

Diretores

Fernando Carramaschi

Fernando Xavier Ferreira

Gérard Loeb

Jayme Sverner

Ricardo Luiz Becker

Roberto Crisiuma Mesquita

Superintendente

Gérald Perret

Conselho

José E. Mindlin Presidente

João Lara Mesquita Vice-Presidente

Milú Villela

Affonso Celso Pastore

Antonio Ermírio de Moraes

Carlos J. Rauscher

Fernando Xavier Ferreira

Francisco Mesquita Neto

Henri-Philippe Reichstul

Henrique Meirelles

José Luis de Freitas Valle

José M. Martinez Zaragoza

Mário Arthur Adler

Plínio José Marafon

Salim Taufic Schahin

Thomas Michael Lanz

Conselho Consultivo

Sylvia Kowarick

Alfredo N. Rizkallah

Hermann Wever

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo

José Serra

Secretário de Estado da Cultura

João Sayad

Secretário-adjunto

Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete

Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Principal

Yan Pascal Tortelier

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração

Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo

Marcelo Lopes

Superintendente

Fausto Augusto Marcucci Arruda

Diretor de Marketing

Carlos Harasawa

Supervisora de Publicidade

Marcele Lucon Ghelardi

Supervisora de Eventos

Mauren Stieven

Coordenadora de Comunicação Institucional

Eneida Monaco

Assessoria de Imprensa

Alexandre Félix

Desirée Furoni

Supervisora de Sites

Fabiana Ghantous

Supervisora de Publicações

Fernanda Salvetti Mosaner

Coordenador de Produção

Marcelo dos Santos Silva

Coordenadora de Produção de Eventos

Monica Cassia Ferreira

Produtores

Lucy Carvalho

Mauro Candotti

Assistente de Produção

Viviane Martins Bressan

Auxiliares de Produção

Marildo Lopes de Sousa Jr

Maylime Dias Abreu

Regiane Sampaio Bezerra

Vinicius Goy de Aro

Técnicos de Apoio a Eventos

Arnaldo Epifânio da Silva

Athaíde Fontes

Supervisor de Acústica

Cassio Mendes Antas

Técnico de Acústica

Reinaldo Marques de Oliveira

Coordenador Técnico

Marcello Anjinho

Assistente do Departamento Técnico

Nil Campos

Supervisores de Montagem

João André Blásio

Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado

Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado

Samuel Calebe Alves

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.



Telefônica
Desfrute o progresso



Investindo na *música* para
harmonizar *relações*.



SUZANO

85 anos de contribuição
para a cultura brasileira.